

Colcha de retalhos: problematizando alguns aspectos da cultura brasileira*

Patchwork quilt: analysing the problems of the
Brazilian culture

VERA LÚCIA CASA NOVA **

**«Bref, tout est culture du vêtement au livre,
de la nourriture à l'image, et la culture est partout,
d'un bout à l'autre des échelles sociales».**

R. BARTHES

**Alguns aspectos para uma abordagem semio-
lógica da cultura brasileira.**

PROBLEMATIZANDO...

Identidade e Cultura.¹ Dois conceitos problemáticos. Identidade Cultural. Fecha-se assim o círculo da multiplicidade de conceitos para os teóricos culturalistas.

Parece que caminhamos em direção à conceptualidade metafísica, ou para a doença do supérfluo acadêmico, já que somos todos racionalistas ferozes e/ou positivistas

* Parte do trabalho apresentado ao Prof. Eduardo Portella no curso de doutorado, Faculdade de Letras/UFRJ — 2º semestre 1984.

** Professora Adjunto da Faculdade de Letras da UFMG.

1. Falamos aqui de cultura numa acepção não fechada, mas que pressupõe valores e crenças da formação social brasileira e seu potencial de criação. Cultura como discurso social, cultura como linguagem.

aleijados de formação, nascemos e nos criamos sob o signo da **Ordem** e do **Progresso** de nossa bandeira.

Lemos Gonçalves Dias, José de Alencar que nos colocaram questões primordiais em torno de nacionalismos, entre a doxa e os paradoxos. Como Mário de Andrade e Oswald, passamos pela questão antropofágica, pela dependência e interdependência cultural e pelo «universalismo — sentimentalismo de alemão». (1)

De Sílvio Romero a Roberto Schwartz e a cada época, a sociedade brasileira no e pelo discurso de seus «intelectuais» se põe diante de problemas que vão desde a etnia até o autoritarismo e o Estado Nacional, passando por sucessivas avalanches de «influências» externas, industrialização de bens culturais, produção, e continuamos a viver «cultura» num panorama de contradições insolúveis diante de imensa produção.

Quando na praça N. Sra. da Paz, em Ipanema, ao som de Michael Jackson, os meninos pedintes, maltrapilhos, invadem a casa comercial de alta moda Fiorucci, cantando e dançando o break, ou milhares de pessoas lotam estádios para assistirem seus ídolos fabricados pela Indústria Cultural, — o que estará se passando com a cultura? servilismo? colonialismo? alienação? Quantos rótulos podem dar ares de análise ao fato cultural que ora assistimos?

Ao abrir o jornal lemos: «Paracatu: venham ver uma cidade mineira lutando para não perder sua identidade». (2) A perda de identidade implica em aniquilação em destruição da História, do passado, da tradição do povo.

Os slogans também dão conta dessa visão de mundo. O da Fundação Nacional Pró-Memória lança o apelo: «a comunidade é a melhor guardiã de seu patrimônio cultural». Ao abrimos o extrato de conta da Caixa Econômica Federal, o recado é: «Preserve o que é seu. Preserve a memória nacional. 1985 — Ano Nacional da Cultura».

Todos esses apelos e mais os televisivos patrocinados por bancos ou entidades institucionais são produzidos por modelos determinados pela classe dirigente. Tenta-se uma unidade das linguagens pela «coincidência da fala e da escuta» (3) como diria Barthes.

Depois de treze anos de pesquisas no Vale do Jequitinhonha, MG., Frei Chico nos diz:

A primeira coisa que descobrimos é que a cultura é vida. Chamar a cultura do povo de folclore é uma triste forma de discriminação...

Um problema muito sério no vale do Jequitinhonha e no Brasil é a alienação cultural. Isso acontece quando um povo é levado a assimilar uma cultura que não tem nada com a sua vida. É claro que o brasileiro pode apreciar uma música estrangeira. Como também nossas músicas locais podem alcançar um valor universal, tá certo! Mas quando todas as rádios começam a tocar músicas estrangeiras e a grande maioria dos jovens prefere roupas, comidas, músicas americanas (USA), devemos entender que um povo alienado é fácil de ser dominado, pois perdeu a identidade cultural. Identidade tem tudo a ver com criatividade. Criar é mostrar a identidade... (4)

Esses conceitos de alienação e identidade cultural como ponto de referência básica (não discuto aqui os conceitos) é o que o senso comum compreende — identidade = tradição, história, passado, memória coletiva — e que deve ser levado em consideração na reflexão de uma metacultura, ou melhor, nos passos de uma semiologia da cultura.

Fruto de variados conceitos de cultura postos em circulação no meio acadêmico e numa postura etnocêntrica,

em que se dicotomiza, como costuma acontecer, de forma maniqueísta, variadas formas culturais, várias linguagens estão à procura de abordagens que excluam a racionalidade ocidental e todo o seu complexo hegemônico de dominação.

A constelação é vasta. A diversidade cultural é um fato, e nada incomum. O problemático da pesquisa cultural é que a apreensão dos fatos, das manifestações culturais é praticamente impossível, se compreendidas em contínua transformação. São capturáveis, só quando extintas, pois tomam, enquanto vivas, novas formas, sempre no vir a ser.

Nosso país tem de tudo. Um tudo que coexiste à custa de muita repressão, muita censura, muita religião. Onde se fala em dependência econômica, mas não cultural. Fomos colonizados por além-mar, demos a volta por cima e não somos, nem nunca seremos uma grotesca caricatura colonial, mesmo que tentem por imposição, ou guardemos residualmente alguns traços.

Somos mestiços, «carnavalescos» e não há como aniquilar essa cultura polivalente, múltipla, criativa que se refaz a cada momento histórico, pois nossa libido continua viva.

Não é à toa que somos vistos como exóticos, por isso mesmo discriminados pela «Kultur» internacional, por classes dominantes de países mais avançados (mas avançados em quê?) ou por alguns brasileiros que tentam nos menosprezar por terem a cabeça na «matriz» ou serem produto de lavagem cerebral.

Algumas questões precisam de respostas para que se possa fazer uma reflexão em torno da cultura brasileira: o que se chama «cultura tradicional»? a cultura de dominação portuguesa? africana? indígena? o Cordel? o bumba-meu-boi? É válida essa dicotomia cultura de elite x cultura popular? cultura de elite x cultura de massa? Como é

que a classe dominante — que tanto fala em preservação de cultura, memória — adota estilos, hábitos, significações, padrões, enfim, representações que acabam por aniquilar, destruir, inferiorizar essa cultura? Será que queremos é o bumba-meu-bom dentro da universidade ou que o bumba-meu-boi passe pela transformação (sócio-econômica-cultural) sem deixar de ser representação de um povo? Deve-se continuar a sacralização da cultura ou colocá-la, enquanto possível, para todos, não só para os deuses erigidos pela «inteligentzia», pelo poder intelectual do país?...

Dormimos no berço esplêndido da cultura erigida pelo poder econômico com modelos europeus, norte-americanos, e ficamos a ver navios.

Cultura dos trópicos é coisa de europeu. O impasse da construção de uma cultura de caráter nacional parece continuar, por parecer impossível, pois o **ethos** brasileiro seria realmente intraduzível, ou como diz, ironicamente Ruben George Oliven.

«Enfim, o Brasil não seria passível de redução a categorias racionais, porque nos trópicos a razão se derrete e tudo e todos se misturam gostosamente numa grande loucura». (5)

Loucura, pois transgride parâmetros ou modelos etnocêntricos e a Razão Transcendental instituída pelo poder dominante. Por aí passa a problemática da identidade cultural. É J. M. Benoist que nos diz:

«En une époque vouée, semble-t-il, à explorer la différence, il peut en effet paraître une gageure de proposer une recherche portant sur l'identité». (6)

Aposta ou não, fica o desafio de se tentar isso aqui no Brasil. É pelo movimento da própria História que se

tem necessidade de propor uma pesquisa sobre a identidade em época de pesquisa das diferenças de cultura, para que surjam as contradições das particularidades e da universalidade. Se a internacionalização é uma das verdades que, hoje, norteiam a cena cultural, por outro lado o nacional, o regional aí despontam como um de seus componentes mais importantes.

A acumulação, a reprodução, a industrialização dos «bens culturais», a diversidade de códigos, sexos, classes, dificultam a apreensão de uma identidade que só pode ser entendida como abstração, se se pensa no «advento das multidões», da massa. Como negar ou como abstrair esse componente?

Segundo Ferreira Gullar:

«a cultura brasileira é, predominantemente, do ponto de vista ideológico, um processo de ocultação da realidade social do país». (7)

Realmente essa colocação nos reconduz à discussão de cultura alienada, às relações entre cultura e ideologia — e que no momento não é objeto de nosso trabalho mas, levanta outra questão: como categoria ideológica, a «cultura brasileira» deve ser discutida sem exageros intelectualistas, sem ufanismos e sem excludências ou isolamentos.

Existe unidade e simultaneamente pluralidade cultural. No Brasil, como na América Latina, a afirmação de uma identidade cultural não reflete um desejo de singularidade, como querem alguns, acostumados à opressão. Não é tão-somente a proclamação da diferença, nem o sintoma de crise política ou de «desordem» econômica, nem uma reação ao fantasma ou trauma do colonialismo, da dominação, nem reação contra a violência da tecnologia, da «poluição ideológica», nem expressão

de um exagero, de um excesso de nacionalismo (que aliás, muitas vezes se assemelha aos métodos do imperialismo cultural). Mas é muito mais a busca de liberdade, a afirmação de um corpo intelectual — um ato político.

A reivindicação de espaços culturais está ligada à abertura dos espaços políticos. Ao contestar a supremacia, a dominação cultural da Europa, dos «States», a cultura brasileira redescobre o seu espaço. Arquitetura, escultura, música, dança, literatura — nossa criação cultural. Com isso aprendemos a relativizar os valores importados.

Através do nacionalismo, da reivindicação de uma «cultura nacional» evita-se o empobrecimento, o aniquilamento — pois nada é mais sedutor que a cultura do outro. A sociedade de consumo está aí mesmo e o imperialismo continua sua história.

Há determinadas atitudes de abertura para com países «desenvolvidos» que possibilitam mudanças culturais que violentam, entretanto, a configuração de nossa dinâmica sócio-cultural (isso também se dá de classe para classe).

Não é só o «bumba-meu-boi», mas é a tradição presente na memória social (cf. pesquisa de Eclea Bosi: **Lembranças de Velhos**). É a memória individual e coletiva ampliada, transformada pela interpretação e assimilação de novas vivências.

...A IDENTIDADE...

É necessário que se reflita sobre a «consciência comunicativa», essa consciência transformada pelos constantes embates de práticas culturais autoritárias existentes.

Se cultura é todo um processo de transformação gerado pelas condições existenciais do indivíduo — por isso sua particularidade, sua peculiaridade — é dialogando com outras culturas, absorvendo, digerindo-as, transformando-se à medida da modernização, que ela se faz,

se realiza no quadro real da existência social como produto histórico, e como tal tem ação sobre a História.

Sem o dialógico é a reificação que se sobrepõe, pois a «consciência comunicativa», a cultura, a linguagem necessitam das trocas simbólicas. É nessa prática lúdica e até dramática, pois insere o conflito, que a diversidade cultural surge.

Mas como então pensar a identidade de cultura brasileira, tendo como pressuposto uma identidade centralizada, unificada, forjada pela razão transcendental?

Eduardo Portela diz que:

«a identidade necessita do horizonte do mundo para se erguer enquanto identidade. Sua possível doença, latente ou larval, seria a claustrofobia, assim como o seu oxigênio quase natural deve ser aspirado no mesmo ar que se respira no espaço público...»

E mais adiante:

«a rearticulação da identidade, sob os auspícios da consciência comunicativa, e desdobrada no percurso que interliga trabalho e interação, incidirá sobre o corpo, a natureza, as relações sociais, velhos e conhecidos focos de interdição». (8)

De fato, o que assistimos, especialmente nesses últimos vinte anos foi a claustrofobia de uma cultura autoritária, dispersando a promoção de outras culturas e vinculada direta ou indiretamente aos interesses internacionais do imperialismo. E foi isso de certa forma que enfraqueceu internamente nossas culturas e a invasão imperialista se acentuou (as multinacionais da cultura que o digam).

Não podemos escapar dessa dimensão — a dimensão político-ideológica — ao tentarmos tecer a rede do corpus

cultural. E as dicotomias que são conseqüência do «sentido» etnocêntrico dissipam-se.

Por isso estão sem solução as oposições regional/cosmopolita, interno/externo, alienada/comprometida, etc. Parece que não passa por essas dicotomias a questão cultural, daí o impasse do Centro Popular de Cultura na década de 60 que hoje necessita ser repensado em suas propostas, para que não se repitam os mesmos radicalismos.

Por outro lado, a «síntese dialética», proposta nas pesquisas do Nacional — Popular e criticadas por Marilene Chauí, (9) continuam a velha questão aristotélica e metafísica de fundo e forma, indo e vindo no círculo vicioso imposto pela transcendência, pela Razão.

A complexidade dessa problemática da questão cultural que ora questionamos depara com a precariedade de conceitos que norteiam colocações teóricas e/ou práticas.

A postura mais coerente seria a de se ver a(s) cultura(s) como sentido(s) dentro de um espaço social e num tempo histórico determinado. Mas isso é coisa complexa demais para o momento.

A busca da identidade cultural pela unidade, pela homogeneização ou pela síntese ideal das raças com seus acervos específicos com a dominação de uma outra cultura, mascara a assunção das diferenças existentes em nosso espaço, anula as tensões sociais que caracterizam justamente com a cotidianeidade e o desejo dos indivíduos, a criação cultural.

A identidade abstrata cultuada pelo Estado é a síntese idealista de uma dialética hegeliana sem saída, porque metafísica. Em outras palavras, admitindo a redução: a busca e a perda de Deus; daí perda e busca de identidade.

Essa identidade é absoluta, unilateral e se caracteriza pela imobilidade, pelo isolamento. Pensar a identidade cultural brasileira é percorrer as diferenças de classe, os preconceitos raciais, sexuais, etc., existentes na sociedade. É percorrer o corpus cultural fragmentado pela sociedade de classes, confrontando-o com a unificação ideal que o Estado tende a privilegiar e privilegia (anos da Ditadura e Rede Globo de TV).

A identidade forjada reprime, recalca a dimensão da alteridade — por isso o conflito entre o mesmo e o outro. A cultura da **Ordem**, da ditadura racio-tecnocrata — que sufoca o indivíduo, logo sua criação, é a que podemos caracterizar com Sevcenko:

Para o Príncipe moderno, a cultura é sobretudo o cimento ideológico que consolida a ordem. Se a cultura pode ser portadora de uma esperança de liberdade, justiça e beleza, assim o será quanto mais ela estiver vinculada às múltiplas e díspares energias sociais e menos se parecer com a identidade abstrata do Estado. (10)

Porque essa identidade é castradora e esmagadora das diferenças. A sociedade brasileira sentiu em seu corpo a **Ordem** Cultural instituída pelos meios de comunicação de massa. Mas é ela a sociedade que, já mostrando sinais de vida, logo de cultura, começa a se mobilizar, a se organizar. Por aí passa a possibilidade de produção de cultura, de reelaboração de mensagens e ideologias recebidas através do Estado e dos meios de comunicação de massa. Aí parece abrir-se um espaço maior para a universidade brasileira, qual seja a de assumir o seu real papel: não ditar normas, mas estar junto das organizações e discutir com elas as novas formas a serem trabalhadas e divulgadas.

A falência da identidade, a falência do sentido transcendental, metafísico bem como a opressão que se alimenta do «eco que o social gera nos indivíduos» precisa ser repensada e com ela as teorias científicas, a fim de poderem dar conta da diversidade semiológica de nossa cultura.

Pró-Memória, SPHAN, FUNARTE entre outros órgãos institucionais de Cultura, centralizadores por excelência, deveriam abrir espaços, ao invés de pensar a identidade cultural enquanto fachadas de igrejas ou casas de imperador.

Um artigo de Carlos Guilherme Mota questiona esses mecanismos ideológicos dos

«fazendeiros do ar da República Velha, no sentido de buscar «nossas raízes e definir, na ótica de uma varanda hoje modernizada», «nossa identidade cultural». «Nossa», qual? Também é urgente que avaliemos melhor essa obsessão estamental da busca da «memória», «memória de quem»? Como lembrava Drummond, há sempre uma fazenda nas conversas, e a pedra da memória está rachada». (11)

A partir de novas perspectivas, como essa apontada por C. G. Mota é que vão passar questões como: quais são as realidades culturais em que vivemos? qual o espaço da cultura negra, indígena, feminina etc.? como compreendê-las? como apreendê-las? Podemos identificar os problemas fundamentais da cultura numa sociedade como a nossa? quais os objetivos de uma ação cultural? o modelo de animação cultural francês pode ser adaptado aqui? qual deve ser o papel do poder público, dos «produtores» de cultura, instituições, indivíduos?

Morte do teatro, crise do cinema, retração no mercado de música popular brasileira, livro não vende, povo não lê etc. etc. etc.

Muitas questões sem respostas, que caracterizam a especificidade da vida cultural em seus aspectos heterogêneos, sua diversidade de vivências e manifestações fora do espaço urbano, precisam ser repensadas em nova ótica — sem entretanto, deixar de levar em consideração o corpus cultural fragmentado cujo perfil mais parece o de nosso próprio mapa.

- Palmatória quebra dedo, chicote deixa vergão
Cassetete quebra costela, mas não quebra opinião.
(Roda de Araçuaí, Março 1985).

**Some aspects of the semiology approach of
the Brazilian culture.**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANDRADE, Mário de. **A lição do amigo**; cartas de M. de Andrade a Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro, José Olympio, 1982. p. 15.
2. LAPA, Adélia. Paracatu. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 3 jan. 1985.
3. BARTHES, R. **Essais Critiques IV**. Paris, Seuil, 1984. p. 109.
4. VAN DER POEL, Chico. **Nos bailes da vida**. s.n.t. 3 p. (mimeogr.)
5. OLIVEN, R. G. **Violência e cultura no Brasil**. Petrópolis, Vozes, 1982. p. 78.
6. BENOIST, J. M. et alii. Facettes de l'identité. In: LEVI-STRAUSS, C. dir. **L'identité**. Paris, Quadrige, Presses Universitaires de France, 1977. p. 13.
7. GULLAR, F. A superação da particularidade. **Folhetim**, 3 mar. 1985.
8. PORTELLA, E. A consciência comunicativa. In: ——. **Confluências**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1983. p. 16.
9. CHAUI, M. **Seminários**. São Paulo, Brasiliense, 1983. p. 96.
10. SEVCENKO, N. A ordem e o sinistro. **Folhetim**, 3 mar. 1985.
11. MOTA, Carlos Guilherme. Cultura: saindo da ditadura. **Folha de S. Paulo**, 13 jan. 1981. 1º caderno, p. 3.